

atlas

ECONÔMICO DA CULTURA BRASILEIRA

METODOLOGIA II

ATLAS ECONÔMICO DA
CULTURA BRASILEIRA
M E T O D O L O G I A I I



UNIVERSIDADE
FEDERAL DO RIO
GRANDE DO SUL

Reitor

Rui Vicente Oppermann

Vice-Reitora e Pró-Reitora
de Coordenação Acadêmica

Jane Fraga Tutikian

EDITORA DA UFRGS

Diretor

Alex Niche Teixeira

Conselho Editorial

Álvaro Roberto Crespo Merlo

Augusto Jaeger Jr.

Carlos Pérez Bergmann

José Vicente Tavares dos Santos

Marcelo Antonio Conterato

Marcia Ivana Lima e Silva

Maria Stephanou

Regina Zilberman

Tânia Denise Miskinis Salgado

Temístocles Cezar

Alex Niche Teixeira, presidente

Ministro de Estado da Cultura

Roberto João Pereira Freire

Secretário da Economia da Cultura

Mansur Bassit

**Diretora do Departamento
de Estratégia Produtiva**

Ana Letícia Fialho

**Diretor Interino do Departamento
de Sustentabilidade e Inovação**

Thalles Rodrigues de Siqueira

**Coordenador-geral de
Pesquisa e Novos Modelos**

Geraldo Horta

Equipe Técnica

Andrey do Amaral dos Santos, Luana Pires

Micaele Pinheiro dos Santos Nascimento,

Tiago Rocha Gonçalves de Canha

Centro de Estudos Internacionais sobre Governo (CEGOV)

Diretor

Marco Cepik

Vice Diretor

Ricardo Augusto Cassel

Conselho Superior CEGOV

Ana Maria Pellini, Ario Zimmermann, José
Henrique Paim Fernandes, José Jorge Ro-
drigues Branco, José Luis Duarte Ribeiro,
Paulo Gilberto Fagundes Visentini

Conselho Científico CEGOV

Cássio da Silva Calvete, Diogo Joel
Demarco, Fabiano Engelmann, Hélio
Henkin, Leandro Valiati, Lúcia Mury
Scalco, Luis Gustavo Mello Grohmann,
Marcelo Soares Pimenta, Marília Patta
Ramos, Vanessa Marx

Coordenação Coleção Editorial CEGOV

Cláudio José Muller, Gentil Corazza, Marco
Cepik

atlas

ECONÔMICO DA
CULTURA BRASILEIRA

M E T O D O L O G I A I I

LEANDRO VALIATI
ANA LETÍCIA DO NASCIMENTO FIALHO
ORGANIZADORES


UFRGS
EDITORA


CEGOV
CENTRO DE ESTUDOS INTERNACIONAIS
SOBRE GOVERNO

© dos autores
1ª edição: 2017
Direitos reservados desta edição:
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Coleção Atlas Econômico da Cultura Brasileira

Coordenação de conteúdo: Pedro Perfeito da Silva,
Gustavo Möller

Revisão: Alexandre Piffero Spohr

Projeto Gráfico: Alejandro Reyes

Diagramação: Liza Bastos Bischoff, Marina de
Moraes Alvarez

Impressão: Gráfica UFRGS

Apoio: Reitoria UFRGS, Editora UFRGS, Gráfica
UFRGS, Ministério da Cultura

Os materiais publicados na Coleção Atlas Econômico da Cul-
tura Brasileira são de exclusiva responsabilidade dos autores.
É permitida a reprodução parcial e total dos trabalhos, desde
que citada a fonte.

A881 Atlas econômico da cultura brasileira: metodologia II [recurso eletrônico] / organizadores
Leandro Valiati [e] Ana Letícia do Nascimento Fialho. – Dados eletrônicos. – Porto
Alegre: Editora da UFRGS/CEGOV, 2017.
198 p. : pdf

(Coleção CEGOV)

Inclui figuras, gráficos, quadros e tabelas.

Inclui referências.

1. Economia. 2. Economia criativa. 3. Economia da cultura. 4. Empreendimentos
culturais. 5. Indústrias criativas. 6. Cultura - Políticas públicas. 7. Indústrias criativas –
Desenvolvimento econômico. 8. Atividades culturais criativas – Contribuições - Espaço
socioeconômico – Europa. 9. Economia criativa – Economia da cultura – Mercado de
trabalho – Brasil. 10. Indústria criativa – Mapeamento – Brasil. 11. Economia criativa –
Microcrédito – Brasil. 12. Setor criativo – Comércio. 13. Economia criativa - Comércio
internacional I. Valiati, Leandro. II. Fialho, Ana Letícia do Nascimento.

CDU 316.7(81):33

CIP-Brasil. Dados Internacionais de Catalogação na Publicação.
(Jaqueline Trombin– Bibliotecária responsável CRB10/979)

ISBN 978-85-386-0489-1

Mercado de trabalho da economia da cultura e da economia Criativa no Brasil: Análise conjuntural para 2014 a 2016

*Cassio da Silva Calvete¹
Eduardo Rodrigues Sanguinet²
Artur Peluso Waismann³*

1. Introdução

A economia brasileira passa por um momento recessivo que afeta diversos setores produtivos. De acordo com o Ipea (2016), no primeiro semestre de 2016 o produto interno bruto (PIB) caiu 4,6% em relação aos seis primeiros meses de 2015. Tal fato retrata essa tendência recessiva da atividade econômica, já percebida desde meados de 2014. A situação econômica reflete-se, também, no processo inflacionário, onde o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) acumulou alta de 4,42% nos seis primeiros meses de 2016.

Esse contexto impacta os indicadores macroeconômicos das mais variadas formas, sempre de acordo com a dinâmica produtiva dos ramos que compõem a economia brasileira. Dentre estes, estão aspectos relacionados à demanda e produção agregada de bens e serviços e também ao mercado de trabalho. A conjuntura econômica de queda no nível de atividade diante de um cenário inflacionário dita o comportamento do mercado amplo de trabalho, acarretando sensível piora dos indicadores do trabalho como, por exemplo, o aumento taxa de desemprego.

Diante do cenário conjuntural do Brasil, os setores mostram comportamentos diferenciados em relação aos efeitos do processo recessivo e inflacionário. A atividade

1. Doutor em Economia Social e do Trabalho pela Universidade Estadual de Campinas. Professor do Departamento de Economia e Relações Internacionais da Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Pesquisador do Núcleo de Estudos em Economia Criativa e da Cultura (NECCULT) na mesma universidade. E-mail: cassioalvete@uol.com.br

2. Bacharel em Ciências Econômicas e Mestre em Desenvolvimento Rural (UFRGS). Doutorando em Desenvolvimento Rural (UFRGS). E-mail: eduardorodrigues43@gmail.com

3. Graduando de Ciências Econômicas na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e Assistente de Pesquisa do Núcleo de Estudos em Economia Criativa e da Cultura (NECCULT) na mesma universidade. E-mail: arturwaismann@gmail.com

industrial, os setores produtivos de bens de capital, a indústria de transformação, a construção civil e o nível de investimentos nacionais foram os que mostraram as maiores diminuições relativas no país (IPEADATA, 2017). Contudo, ainda assim, há setores que não viram tantos efeitos negativos decorrentes da queda agregada do nível de atividade econômica.

Em relação ao comportamento dos diferentes setores econômicos, tem-se que a partir de 2008, o Sistema Firjan passou a desenvolver estatísticas relacionadas ao mapeamento da indústria criativa no Brasil. Esse levantamento, atualizado em 2014, permite verificar a evolução da indústria criativa brasileira na última década. Em apenas uma década, o PIB da indústria criativa cresceu 69,8%, e o número de profissionais empregados formalmente aumentou em 90%, chegando a quase 900 mil em 2013 (FIRJAN, 2014). Dentre os setores que mais contribuíram para esses resultados estão o audiovisual, o *design*, a moda, arquitetura, mídias digitais, e TICS, que, conjuntamente, contribuem para a geração de mais de R\$ 126 bilhões ao ano, o que equivale a quase 3% PIB brasileiro. Esses números permitem depreender que a economia criativa se encontra em uma fase de ascendente crescimento, cabendo à presente análise verificar a forma como a conjuntura econômica afeta esse mercado de trabalho.

Com base nessas constatações, este estudo busca analisar o comportamento do mercado de trabalho brasileiro em relação à economia criativa⁴. Parte-se do cenário macroeconômico recessivo para avaliar a forma como as ocupações culturais e criativas são impactadas. Para tal, discute-se o constructo conceitual que norteia a delimitação dessas ocupações, de forma a viabilizar a análise da conjuntura do mercado de trabalho da economia da cultura e da economia criativa. A presente análise compreende o período do primeiro trimestre de 2014 ao terceiro trimestre de 2016, utilizando dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (Pnad Contínua/IBGE).

Este capítulo está organizado em cinco seções, incluindo esta introdutória. A segunda é de caráter conceitual, em que se delimita a discussão sobre economia da cultura e economia criativa diante da ótica da mensuração a partir do recorte ocupacional. A terceira sintetiza os procedimentos metodológicos adotados para analisar a conjuntura do mercado de trabalho em questão. A quarta mostra os resultados, em que analisa-se o panorama macroeconômico dos últimos anos, bem como a verificação de como tal panorama afeta a economia criativa. Por fim, a quinta e última seção mostra as principais considerações em relação ao estudo.

2. Economia da Cultura e Economia Criativa: um olhar a partir das ocupações

A discussão sobre criatividade e cultura em um contexto de mensuração econômica torna-se ampla, e não há, necessariamente, um consenso na literatura. A Unctad (2010), por exemplo, relaciona o conceito de criatividade a atividades econômicas que produzam produtos simbólicos que dependem intensamente da propriedade intelectual.

4. Discute-se na literatura a distinção entre economia criativa e economia da cultura. Para fins analíticos, neste estudo utiliza-se a diferenciação entre economia da cultura e economia criativa, de forma que a segunda abarca a primeira.

tual. Essa forma de enxergar os aspectos produtivos ligados à criatividade permite a inclusão dos setores criativos no âmbito da produção artística e cultural, ampliando o escopo de análise. Dessa forma, a cultura carrega consigo distintos aspectos ligados às atividades criativas.

Assim, a economia criativa é composta por uma gama de setores, cujo número é superior à da economia da cultura, tornando-a mais abrangente. Sendo composta por todos os setores que compõem a economia da cultura, tais como patrimônio cultural e artes (artesanatos, festivais, pinturas, esculturas, museus, bibliotecas, música, teatro, dança, circo etc.), a economia criativa abarca, também, setores ligados à tecnologia e os voltados à prestação de produtos e serviços funcionais e com apelos mercadológicos, como *design* gráfico, *design* de moda, *design* de joias, *software*, *videogames*, e publicidade. Nesse debate sobre a definição do objeto de estudo do campo econômico da cultura, há o claro destaque para a indústria criativa (MARKUSEN et al, 2008).

Ao mesmo tempo em que a diferenciação entre economia da cultura e economia criativa permite a ampliação do recorte de mensuração, também pode limitar e mascarar atividades produtivas que não estejam adequadamente ligadas à ótica cultural ou criativa. Diante disso, há diversas tentativas de proposição metodológica que visam possibilitar análises padronizadas no âmbito da economia da cultura e da economia criativa.

Há alguns modelos desenvolvidos por órgãos internacionais que visam determinar recortes para mensurar estatísticas padronizadas para retratar o contexto produtivo dos setores culturais e criativos. Além disso, tais órgãos buscam meios para fomentar a criação e execução de políticas focadas nas áreas correlatas à cultura e à criatividade. Citam-se como exemplos dessas metodologias: o modelo da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco - United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization), fundamentado em modelos de círculos concêntricos; da World Intellectual Property Organization (Wipo ou Organização Mundial da Propriedade Intelectual), que direciona os setores diante dos direitos de propriedade característicos da produção artística e cultural; o modelo da Conferência das Nações Unidas para o Comércio e o Desenvolvimento (Unctad - United Nations Conference on Trade and Development), que busca pela identificação de setores criativos, mensurar a conotação comercial desses bens e serviços.

Apesar das diferenças de enfoque e de suas especificidades, esses modelos retratam a preocupação com a geração de dados e informações que sejam padronizadas e permitam a comparação internacional. Em 2010, a Unctad divulgou seu modelo partindo do pressuposto da existência de dados oficiais de comércio para subsidiar a delimitação do recorte dos setores criativos. A mensuração da conotação econômica das atividades ligadas à cultura e à criatividade tornou-se imperativa para os formuladores de política pública, uma vez que esses setores contribuem para a atividade produtiva nacional e para a geração de emprego.

Essas metodologias direcionam o enfoque para os setores de atividades econômicas que compõem a estrutura produtiva dos países. Há diversas publicações que também utilizam o recorte setorial para subsidiar análises e mensurações econômicas para a economia da cultura e economia criativa⁵, dado o caráter padronizado de verificar o impacto dos diferentes setores para a composição do produto nacional.

5. Citam-se, como exemplo, DCMS (2016) e Unctad (2010).

A ótica do mercado de trabalho, contudo, denota para um tipo de análise que não visa somente um setor agregado, mas que reflita a participação econômica dos trabalhadores, com base no trabalho desempenhado por estes no contexto produtivo em que estão inseridos. Dessa forma, procura-se delimitar o constructo conceitual para retratar a economia da cultura e a economia criativa diante da ótica ocupacional e não setorial. Tal delimitação, entretanto, deve evidenciar dois aspectos importantes: o primeiro refere-se à avaliação de como uma determinada ocupação, enquanto atividade e fruto do trabalho humano, designa aspectos que sejam culturais e/ou criativos. Em segundo lugar, está a questão da delimitação metodológica para se ter um recorte ocupacional que seja plausível para representar a conotação econômica e social da economia da cultura e da economia criativa.

De acordo com a Unctad (2010), o escopo da economia criativa determina-se diante do que é construído e produzido no âmbito das indústrias criativas. No entanto, tem-se que a definição dessas indústrias criativas é uma questão de constante debate e discordância na literatura econômica, especialmente em relação ao conceito paralelo de indústrias culturais. Por vezes, é feita uma distinção entre indústrias criativa e cultural, enquanto há autores e órgãos multilaterais que as usam de forma intercambiável.

Para Miguez (2011), ainda que a cultura esteja presente de forma relevante em várias esferas da vida social contemporânea, é nas suas interfaces com o campo da economia que de forma mais acentuada a cultura tem vindo a demandar a atenção do mundo científico-acadêmico, de instituições governamentais, de agências multilaterais, de bancos de desenvolvimento, e de organizações não governamentais. Negri e Cuocco (2006) discutem a relação entre economia, trabalho e cultura diante do modo de produção capitalista:

O que é cultural no capitalismo globalizado das redes é o trabalho em geral. Ou seja, um trabalho que se torna intelectual, criativo, comunicativo – em uma palavra, imaterial. A cultura 'gera valor' porque o que é incorporado aos produtos são formas de vida: estilos, preferências, status, subjetividades, informações, normas de consumo e até a produção de opinião pública. A mercadoria precisa ser dotada de valor cultural. O trabalho se torna, assim, ação cultural. O trabalho da cultura e na cultura se torna cada vez mais o paradigma da produção em seu conjunto.

É com base nessa conotação, que relaciona trabalho, cultura e economia juntamente com a proposição da Unctad em considerar a economia da cultura como parte integrante da economia criativa, que se criam formas para delimitar o recorte analítico das ocupações culturais e criativas. A principal justificativa para o recorte ocupacional é a possibilidade de analisar o mercado de trabalho da forma mais desagregada possível. Assim, a análise permite o dimensionamento fidedigno da economia da cultura e da economia criativa, uma vez que uma análise com o recorte setorial para o mercado de trabalho poderia vir a superestimar a realidade da participação econômica das ocupações inseridas em setores culturais e criativos. O olhar para as ocupações possibilita a análise do mercado de trabalho mais específica e direcionada, tendo como base definições conceituais capazes de caracterizar a economia criativa. Assim, para os fins deste estudo, o modelo adotado se baseia nos setores propostos

pela Unctad (2010) para direcionar o recorte analítico diante das ocupações.

Da mesma forma que a Unctad amplia a noção de criatividade e a relaciona diante da abrangência dos aspectos culturais, considera-se neste estudo que as ocupações culturais são, por si só, também criativas. O que diferencia uma ocupação cultural de criativa é a dimensão cultural que o trabalho individual reflete. A ocupação cultural reflete atividades em áreas diretamente ligadas às artes, ao conhecimento, às crenças, e às expressões culturais. Uma ocupação criativa, assim, envolve a atividade econômica baseada no conhecimento, criatividade, inovação, e agregação de valor simbólico. Outro fator que diferencia uma ocupação criativa de uma cultural é a inserção produtiva do trabalho direcionada ao mercado e atendimento de demanda. Assim, a análise do mercado de trabalho direciona-se para o recorte ocupacional, por mais que o constructo de ocupações ligadas à economia da cultura e economia criativa esteja baseado na metodologia da Unctad que utiliza o recorte setorial⁶.

3. Aspectos metodológicos

Este estudo busca analisar o comportamento do mercado de trabalho brasileiro em relação à economia da cultura e economia criativa. Para tanto, parte-se do conceito adotado de ocupação cultural e de ocupação criativa, atrelando-o à base de dados divulgada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e da sua Pesquisa Nacionais de Amostra Domiciliar Contínua⁷ (Pnad Contínua). O período considerado na análise parte do primeiro trimestre de 2014 ao penúltimo trimestre de 2016. As análises consistem em estatísticas e medidas descritivas para retratar o comportamento do mercado de trabalho.

Foi estabelecido um conjunto padronizado de definições e um sistema comum de classificação para tratar as ocupações em termos analíticos. O recorte ocupacional é utilizado para não se incorrer em superestimação a partir do olhar setorial. Outra justificativa é o fato de a análise ocupacional, juntamente com a utilização dos dados da Pnad Contínua, possibilitar analisar a informalidade vista nos setores culturais e criativos. A proposta de analisar o mercado de trabalho com base em definições de ocupações possibilita que se evidenciem as atividades de trabalho específicas dos setores estudados, excluindo-se aquelas ocupações que não são, necessariamente, culturais e criativas de setores que são culturais e/ou criativos.

Da mesma forma, ao buscar as informações pelas ocupações e não pelos setores, consegue-se incorporar os dados referentes a essas ocupações específicas inseridas em outros setores da atividade econômica. O modelo adotado para este trabalho considera que as atividades econômicas culturais e criativas mantêm uma forte proximidade entre si. O recorte deu-se a partir da seleção de ocupações que sejam culturais e criativas, de acordo com a classificação utilizada na Pnad Contínua, tal como mostra o Quadro 1.

6. O modelo da Unctad é construído a partir de uma ampla discussão conceitual com vistas à criação de mecanismos metodológicos que permitam mensurar a ótica econômica dos setores criativos e culturais. Como o modelo preocupa-se diretamente com a possibilidade de mensuração e de comparação internacional, o recorte setorial é a forma mais padronizada e adotada pelos países para a construção de estatísticas nacionais.

7. A Pnad Contínua consiste-se em uma pesquisa que visa produzir informações contínuas sobre a inserção da população no mercado de trabalho associada a características demográficas e de educação, e, também, para o estudo do desenvolvimento socioeconômico. Sua periodicidade é trimestral.

Quadro 1 - Ocupações culturais e criativas* (Continua)

| COD | DENOMINAÇÃO | ÁREA | SETOR | ECONOMIA |
|------|---|-----------------------------------|-------------|----------|
| 2621 | Arquivologistas e curadores de museus | Área Cultural | Museus | Cultura |
| 2622 | Bibliotecários, documentaristas e afins | Área Cultural | Bibliotecas | Cultura |
| 3433 | Técnicos em galerias de arte, museus e bibliotecas | Área Cultural | Museus | Cultura |
| 2652 | Músicos, cantores e compositores | Artes Performativas | Música | Cultura |
| 2653 | Bailarinos e coreógrafos | Artes Performativas | Dança | Cultura |
| 2654 | Diretores de cinema, de teatro e afins | Artes Performativas | Teatro | Cultura |
| 2655 | Atores | Artes Performativas | Teatro | Cultura |
| 2659 | Artistas criativos e interpretativos não classificados anteriormente | Artes Performativas | Teatro | Cultura |
| 7311 | Mecânicos e reparadores de instrumentos de precisão | Artes Performativas | Música | Cultura |
| 7312 | Confeccionadores e afinadores de instrumentos musicais | Artes Performativas | Música | Cultura |
| 2651 | Artistas plásticos | Artes Visuais | Escultura | Cultura |
| 3431 | Fotógrafos | Artes Visuais | Fotografia | Cultura |
| 7317 | Artesãos de pedra, madeira, vime e materiais semelhantes | Artes Visuais | Escultura | Cultura |
| 7319 | Artesãos não classificados anteriormente | Artes Visuais | | Cultura |
| 2656 | Locutores de rádio, televisão e outros meios de comunicação | Audiovisual | Rádio | Criativa |
| 2163 | Desenhistas de produtos e vestuário | <i>Design</i> | Moda | Criativa |
| 2166 | Desenhistas gráficos e de multimídia | <i>Design</i> | Gráfico | Criativa |
| 3432 | Desenhistas e decoradores de interiores | <i>Design</i> | Interiores | Criativa |
| 5241 | Modelos de moda, arte e publicidade | <i>Design</i> | Moda | Criativa |
| 7313 | Joalheiros e lapidadores de gemas, artesãos de metais preciosos e semipreciosos | <i>Design</i> | Jóias | Criativa |
| 7314 | Ceramistas e afins (preparação e fabricação) | <i>Design</i> | Interiores | Criativa |
| 7315 | Cortadores, polidores, jateadores e gravadores de vidros e afins | <i>Design</i> | Interiores | Criativa |
| 7316 | Redatores de cartazes, pintores decorativos e gravadores | <i>Design</i> | Gráfico | Criativa |
| 7531 | Alfaiates, modistas, chapelleiros e peleteiros | <i>Design</i> | Moda | Criativa |
| 7532 | Trabalhadores qualificados da preparação da confecção de roupas | <i>Design</i> | Moda | Criativa |
| 7533 | Costureiros, bordadeiros e afins | <i>Design</i> | Moda | Criativa |
| 7534 | Tapeceiros, colchoeiros e afins | <i>Design</i> | Moda | Criativa |
| 5141 | Cabeleireiros | <i>Design</i> | Moda | Criativa |
| 7318 | Artesãos de tecidos, couros e materiais semelhantes | Expressões Culturais Tradicionais | Artesanato | Cultura |
| 7535 | Trabalhadores qualificados do tratamento de couros e peles | Expressões Culturais Tradicionais | Artesanato | Cultura |
| 7536 | Sapateiros e afins | Expressões Culturais Tradicionais | Artesanato | Cultura |
| 1222 | Dirigentes de publicidade e relações públicas | Novas Mídias | Publicidade | Criativa |
| 1330 | Dirigentes de serviços de tecnologia da informação e comunicações | Novas Mídias | Digital | Criativa |
| 2511 | Analistas de sistemas | Novas Mídias | Digital | Criativa |
| 2512 | Desenvolvedores de programas e aplicativos (<i>software</i>) | Novas Mídias | Digital | Criativa |

Quadro 1 – Ocupações culturais e criativas* (Conclusão)

| COD | DENOMINAÇÃO | ÁREA | SETOR | ECONOMIA |
|------|---|-----------------------------|------------------------------|----------|
| 2514 | Programadores de aplicações | Novas Mídias | Digital | Criativa |
| 2519 | Desenvolvedores e analistas de programas e aplicativos (<i>software</i>) e multimídia não classificados anteriormente | Novas Mídias | Digital | Criativa |
| 2521 | Desenhistas e administradores de bases de dados | Novas Mídias | Digital | Criativa |
| 2522 | Administradores de sistemas | Novas Mídias | Digital | Criativa |
| 2523 | Profissionais em rede de computadores | Novas Mídias | Digital | Criativa |
| 2529 | Especialistas em base de dados e em redes de computadores não classificados anteriormente | Novas Mídias | Digital | Criativa |
| 3511 | Técnicos em operações de tecnologia da informação e das comunicações | Novas Mídias | Digital | Criativa |
| 3512 | Técnicos em assistência ao usuário de tecnologia da informação e das comunicações | Novas Mídias | Digital | Criativa |
| 3513 | Técnicos de redes e sistemas de computadores | Novas Mídias | Digital | Criativa |
| 3514 | Técnicos da web | Novas Mídias | Digital | Criativa |
| 2641 | Escritores | Publicação e Mídia impressa | Livros | Cultura |
| 2642 | Jornalistas | Publicação e Mídia impressa | Imprensa | Criativa |
| 7321 | Trabalhadores da pré-impressão gráfica | Publicação e Mídia impressa | Outras publicações | Criativa |
| 7322 | Impressores | Publicação e Mídia impressa | Outras publicações | Criativa |
| 7323 | Encadernadores e afins | Publicação e Mídia impressa | Outras publicações | Criativa |
| 1223 | Dirigentes de pesquisa e desenvolvimento | Serviços criativos | Outros Serviços Relacionados | Criativa |
| 2356 | Instrutores em tecnologias da informação | Serviços criativos | Digital | Criativa |
| 2161 | Arquitetos de edificações | Serviços criativos | Arquitetura | Criativa |
| 2162 | Arquitetos paisagistas | Serviços criativos | Arquitetura | Criativa |
| 2164 | Urbanistas e engenheiros de trânsito | Serviços criativos | Arquitetura | Criativa |
| 2354 | Outros professores de música | Serviços criativos | Ensino | Criativa |
| 2355 | Outros professores de artes | Serviços criativos | Ensino | Criativa |
| 2643 | Tradutores, intérpretes e linguistas | Serviços criativos | Outros Serviços Relacionados | Criativa |
| 3434 | Chefes de cozinha | Serviços Criativos | Outros Serviços Criativos | Criativa |
| 3435 | Outros profissionais de nível médio em atividades culturais e artísticas | Serviços criativos | Outros Serviços Relacionados | Criativa |
| 3521 | Técnicos de radiodifusão e gravação audiovisual | Serviços Criativos | Outros Serviços Relacionados | Criativa |
| 3522 | Técnicos de engenharia de telecomunicações | Serviços criativos | Outros Serviços Relacionados | Criativa |

*Nota: * A Pnad Contínua utiliza uma classificação diferente para as ocupações, se comparadas a outras pesquisas amostrais realizadas pelo IBGE. A Classificação de Ocupações para Pesquisas Domiciliares (COD) difere-se da Classificação Brasileira de Ocupações (CBO), sendo a primeira mais agregada.*

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da Pnad Contínua (IBGE, 2016a).

4. Resultados

Os resultados deste estudo estão organizados em duas subseções. Na primeira, busca-se analisar, de forma geral, a evolução do cenário macroeconômico brasileiro, com vistas a delimitar uma linha tênue característica do processo recessivo pelo qual a economia brasileira passa desde meados de 2015. Essa primeira análise possui caráter estrutural e abrangente, compreendendo o período 2003 a 2016, possibilitando, assim, a verificação da evolução do comportamento dos indicadores macroeconômicos. Na segunda parte, com base na discussão conceitual apresentada nas seções anteriores, pretende-se averiguar o comportamento do mercado de trabalho da economia da cultura, da economia criativa, bem como do mercado de trabalho geral. Essa segunda análise possui conotação conjuntural, compreendendo os quatro trimestres de 2014 e 2015 e os três primeiros de 2016, dada a disponibilidade de dados. Esses recortes permitem fazer o contraponto da forma como os setores culturais e criativos foram impactados diante da queda da atividade econômica nacional.

4.1. Panorama macroeconômico brasileiro (2003-2016)

A economia brasileira passou por mudanças nas esferas produtivas e mesmo de direcionamento das ações do Estado que foram marcantes ao longo dos anos 2000. Com um viés mais desenvolvimentista visto a partir de 2003, a lógica de atuação econômica dos agentes, bem como a dinâmica de atuação do governo na economia foram determinantes para os períodos de crescimento do PIB brasileiro ao longo da década. Esse crescimento e essa mudança de orientação governamental trouxeram consigo mudanças no comportamento dos agentes econômicos nas mais distintas áreas e setores.

Compreender as mudanças estruturais possibilita o entendimento da dinâmica e das alterações produtivas e econômicas do país. As transformações dos setores produtivos e a contribuição das diferentes atividades econômicas para o crescimento econômico e desenvolvimento social e territorial são fatores importantes para se ter uma ideia coerente sobre a situação econômica e de participação social na economia.

O mercado de trabalho, independente do setor ou ramo produtivo, é notadamente onde se concentra a força motriz dos agentes na geração de produto e riqueza nacional. As mudanças vistas na estrutura do mercado de trabalho das ocupações culturais e das ocupações criativas mostram-se um ferramental analítico interessante para dimensionar a capacidade de tais setores mobilizarem recursos econômicos e sociais em prol do crescimento e do desenvolvimento de um país.

A inserção econômica das atividades culturais e criativas se dá em meio a mudanças de orientação política e econômica no Brasil a partir dos anos 2000. O país passou por uma fase de crescimento contínuo nessa década, muito em função da fase favorável de exportação de *commodities* agrícolas, o que se atrelou a um momento de transformações nas estruturas creditícias, principalmente para o consumo final, o que fomentou a demanda nos mais distintos setores. A intervenção estatal nas atividades econômicas propulsionou a criação de universidades, o fomento à pesquisa e à inovação tecnológica, e a criação de secretarias ministeriais especiais que viriam

a colaborar para o desenvolvimento e aperfeiçoamento das mais variadas formas de organização social em prol da produção e comercialização. Todo esse arcabouço institucional promoveu transformações estruturantes das atividades econômicas e, em consequência direta, do quadro ocupacional do país. Mostrar essas transformações é o grande foco deste estudo, evidenciando a capacidade de mobilização econômica e social dos setores culturais e criativos, que foi marcadamente crescente ao longo da década de 2000 (FIRJAN, 2014).

A presente subseção busca apresentar o panorama da economia brasileira no período de 2003 a 2016. Esse período marca muitas mudanças em termos de orientação econômica e também de variações relativas da participação dos diferentes setores produtivos para a produção nacional. Assim, essa contextualização da realidade brasileira permitirá embasar as discussões apresentadas nas seções seguintes que tratam de forma mais específica das mudanças vistas na economia da cultura e na economia criativa.

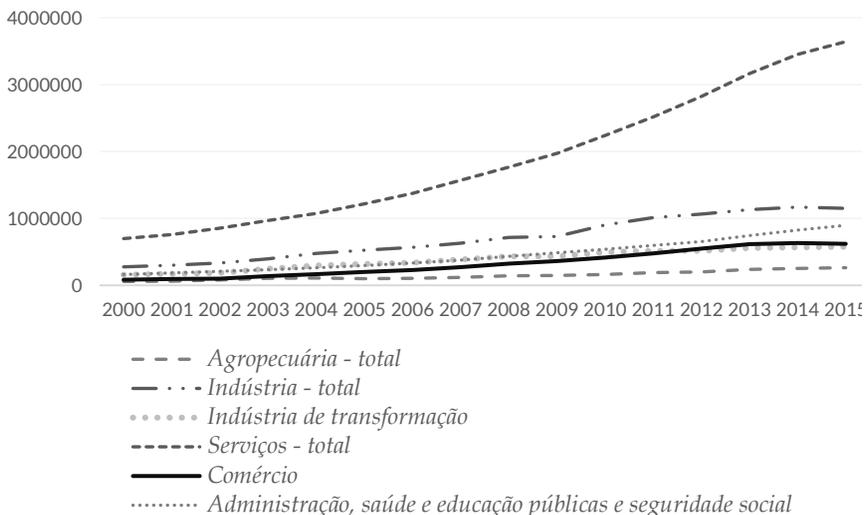
A estratégia de ajuste das contas públicas adotada pelo governo federal brasileiro iniciada em meados de 2014 afeta de distintas formas os fatores que condicionam o crescimento econômico no país. Um destes refere-se à perda de confiança das empresas e dos consumidores, refletindo-se na queda do volume de investimentos e do volume de vendas no atacado e no varejo. Nesse contexto, a taxa de inflação, principalmente em razão da desvalorização do câmbio, afeta o preço de produtos, serviços e insumos, assim como encarece o crédito.

As consequências sobre o mercado de trabalho já são perceptíveis, onde nota-se a queda gradual de empregos formais e o aumento das ocupações informais. O impacto tem sido maior em alguns ramos econômicos, como a indústria de transformação e a construção civil. O período recessivo pelo qual passa a economia afeta também o setor de serviços e o comércio, responsáveis por boa parte da geração de empregos formais nos últimos anos.

Em diversas regiões do país já se nota uma elevação da taxa de desemprego. Somado a isso, é projetado um aumento do subemprego, ou seja, o emprego em ocupações precárias. A queda dos salários reais também é consequência do processo em curso, tendo em vista a dificuldade de os trabalhadores conseguirem reposição salarial, uma vez que têm seu poder de barganha reduzido, pressionados pela alta da taxa de desemprego na economia.

Para se compreender a composição do produto da economia brasileira, apresentam-se na Figura 1 os valores em milhões de reais para a produção de cada setor. É notável que o setor de serviços é o mais relevante em termos de produto. Esse setor, ainda que acumule períodos de crescimento de 2000 a 2015, apresenta no intervalo 2014-2015 taxa de crescimento menor que nos períodos logo antes, indicando que também sofreu os impactos da conjuntura traçada anteriormente no texto.

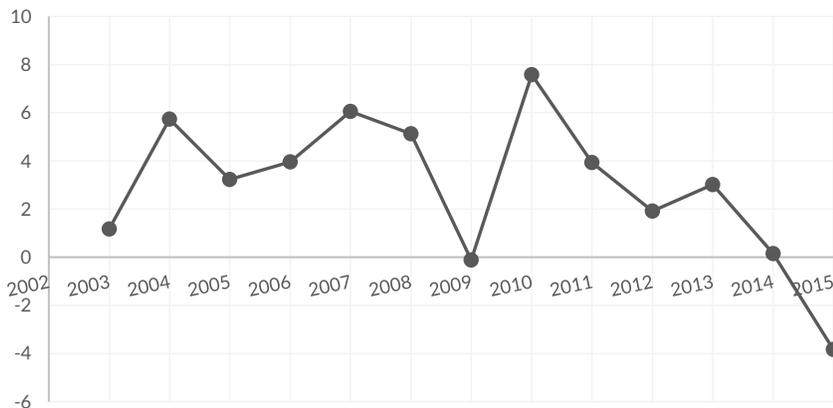
Figura 1 – Setores produtivos e participação (em valores a preços correntes em milhões de reais) 2000-2015



Fonte: Elaboração própria a partir de IpeaData (2017).

Na Figura 2 é possível que seja observada a variação do PIB real no período compreendido entre 2003 e 2015. É interessante notar que de 2010 até 2014, exceção feita ao período entre os anos de 2012 e 2013, o PIB real vem apresentando queda na sua taxa de variação, contudo, sempre com variação positiva ou pelo menos nula. No intervalo de tempo entre 2014 e 2015, pela primeira vez em toda a série observada, houve variação negativa do PIB real brasileiro.

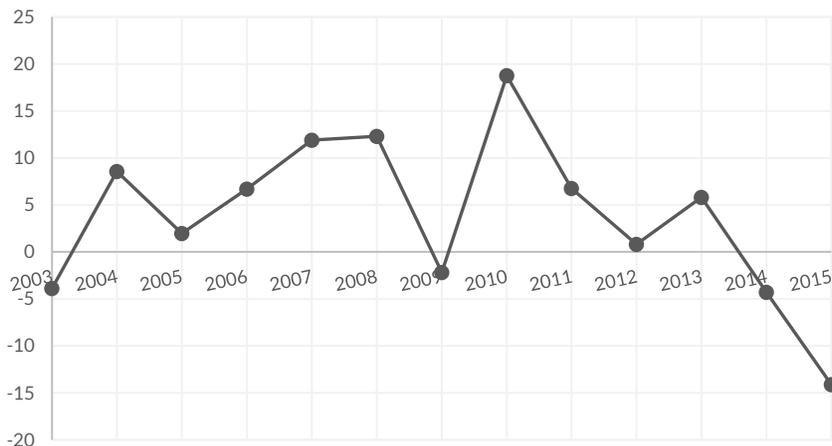
Figura 2 – Variação do PIB Real (2003-2015)



Fonte: Elaboração própria a partir de IpeaData (2017).

Observando-se a Figura 3, temos a taxa de investimento real para o mesmo período do observado na figura anterior. Mais oscilante que a variação do produto, a taxa de investimento apresentou-se negativa em apenas 3 momentos, no ano de 2003, no ano de 2009 e nos anos de 2014 e 2015. O último biênio de taxas negativas de investimento real reforça o contexto de recessão econômica.

Figura 3 - Taxa de investimento real (2003-2015)

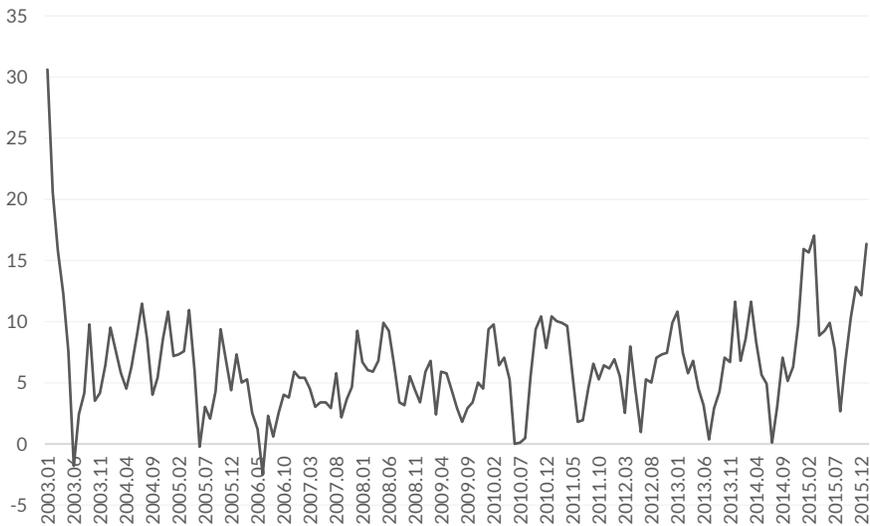


Fonte: Elaboração própria a partir de IpeaData (2017).

A queda no nível de investimentos reais na economia brasileira ocorre tanto sob a óptica pública quanto privada. Em relação à primeira, a queda no nível de arrecadação, atrelada às estratégias de redução do gasto público, incide sobre o nível de investimentos públicos mais amplo. Sobre o segundo, o contexto de mudanças políticas, de alteração da forma como o Estado organiza suas contas, faz com que seja reduzido o nível de confiança dos agentes na economia. É notável na Figura 3 que a partir de 2013 a taxa de investimentos cai vertiginosamente.

Outro fato que retrata o contexto macroeconômico é o nível de preços da economia, que reflete o processo inflacionário pelo qual passa a economia. A Figura 4 mostra a série histórica do IPCA de 2003 a 2016.

Figura 4 - Índice de Preço ao Consumidor Amplo (IPCA) (%) - 2003 a 2016



Fonte: Elaboração própria a partir de IpeaData (2017).

Nota-se que a partir de meados de 2014, o índice torna-se crescente, apresentado queda no início de 2015, sendo acompanhado de elevação a partir do fim de 2015, mantendo-se assim no ano de 2016. A taxa de inflação impacta o poder de compra dos agentes, encarece serviços e bens e afeta a confiança de investidores. Com base nessa rápida contextualização sobre o panorama macroeconômico brasileiro, a próxima seção retrata o comportamento do mercado trabalho a partir de 2014, momento que, pelo que foi visto nesta seção, inicia uma fase de piora do quadro econômico do país.

4.2. O mercado de trabalho da economia da cultura e da economia criativa (2014-2016)

Esta subseção analisa a evolução conjuntural do mercado de trabalho da economia da cultura e da economia criativa e também os compara com a evolução do mercado de trabalho geral. Investigam-se os principais indicadores do mercado de trabalho, sendo estes: população ocupada e características como gênero, nível dos rendimentos, contribuição previdenciária, formalidade das ocupações e nível de escolaridade.

Em relação à população ocupada, a trajetória da série pode ser vista na Tabela 1. Nota-se uma evolução no ano de 2014, quando a economia brasileira já apresentava sinais de desaquecimento, que chama atenção por contrastar com o ritmo da economia daquele ano e também quando comparada com a constante instabilidade e piora no quadro total de ocupados ao longo de 2015 e 2016.

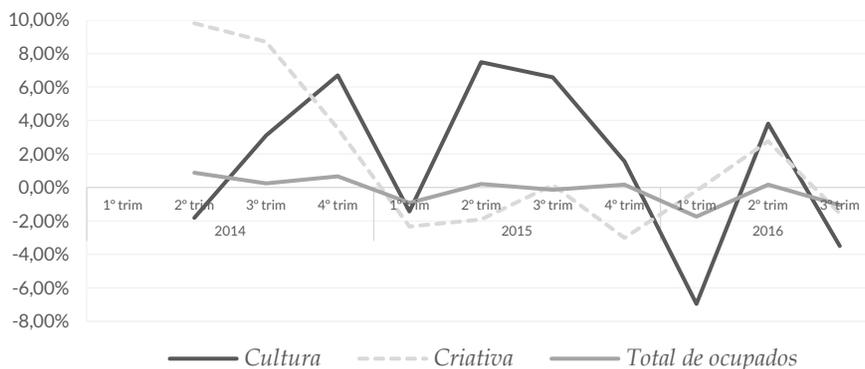
Tabela 1 - Total de ocupados, ocupados criativos e ocupados culturais (2014-2016)

| ANO | CULTURA | | CRIATIVA | | TOTAL OCUPADOS | | |
|-------------------|---------|-----------|----------|-----------|----------------|------------|-------|
| | N° ABS. | VAR. % | N° ABS. | VAR. % | N° ABS. | VAR. % | |
| 2014 | 1º trim | 1.077.260 | | 4.407.766 | | 91.251.589 | |
| | 2º trim | 1.057.595 | -1,83 | 4.839.965 | 9,81 | 92.051.939 | 0,88 |
| | 3º trim | 1.090.395 | 3,10 | 5.261.137 | 8,70 | 92.269.100 | 0,24 |
| | 4º trim | 1.163.419 | 6,70 | 5.446.229 | 3,52 | 92.874.532 | 0,66 |
| 2015 | 1º trim | 1.146.623 | -1,44 | 5.319.452 | -2,33 | 92.023.103 | -0,92 |
| | 2º trim | 1.232.415 | 7,48 | 5.218.160 | -1,90 | 92.211.336 | 0,20 |
| | 3º trim | 1.313.404 | 6,57 | 5.225.430 | 0,14 | 92.089.928 | -0,13 |
| | 4º trim | 1.333.876 | 1,56 | 5.068.013 | -3,01 | 92.244.835 | 0,17 |
| 2016 | 1º trim | 1.241.085 | -6,96 | 5.058.077 | -0,20 | 90.639.074 | -1,74 |
| | 2º trim | 1.288.408 | 3,81 | 5.197.489 | 2,76 | 90.798.100 | 0,18 |
| | 3º trim | 1.243.324 | -3,45 | 5.116.744 | -1,55 | 87.479.184 | -3,66 |
| Varição acumulada | 166.148 | 15,42 | 708.978 | 16,08 | -3.772.405 | -4,13 | |

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da Pnad Contínua (IBGE, 2016a).

O somatório de postos de trabalho criados e fechados verificados ao longo dos quase três anos apresentou instabilidade, que pode ser verificada através dos percentuais de variação em cada período (Tabela 1) e melhor visualizada na Figura 5 abaixo. No entanto, quando analisado o período de forma acumulada, as ocupações culturais e criativas tiveram elevação, respectivamente, de 15,42% e 16,08%, enquanto o total de ocupações apresentou queda de 4,13%. Quando analisado separadamente o ano de 2016, as ocupações culturais tiveram significativa redução, em que o total de ocupações também teve redução, e as ocupações criativas tiveram um pequeno crescimento.

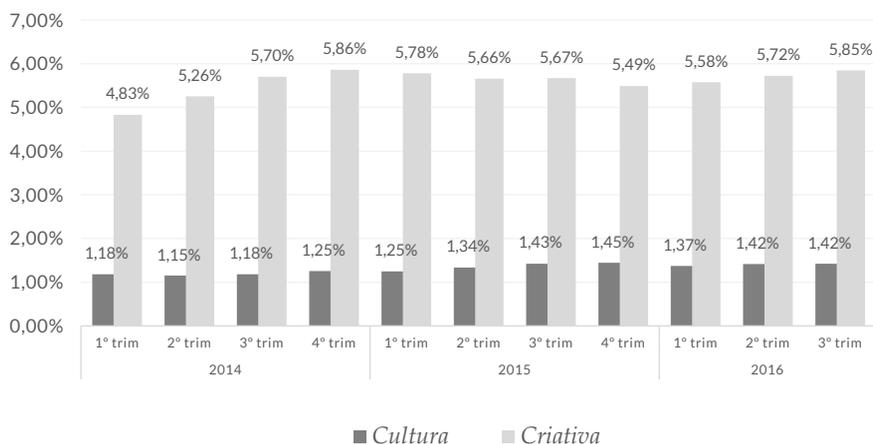
Figura 5 - Variação percentual do número de ocupados culturais, criativos e total de ocupados (2014-2016)



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da Pnad Contínua (IBGE, 2016a).

Quando analisado apenas o ano de 2016, percebe-se que os três tipos de ocupações (culturais, criativas e totais) tiveram movimentações semelhantes, apesar de apresentarem percentuais distintos. Houve uma diminuição de ocupados no primeiro trimestre, recuperação no segundo e queda no terceiro trimestre. A oscilação apresentada pelas ocupações culturais em 2016 apenas reduziu um pouco o crescimento verificado desde 2014, enquanto a oscilação das ocupações criativas manteve o crescimento das ocupações e a oscilação do total de ocupações manteve a tendência de diminuição. Na Figura 6 pode-se ver que a participação relativa das ocupações culturais e criativas no mercado de trabalho total cresceu durante o período analisado.

Figura 6 – Participação de ocupações culturais e criativas e no total dos ocupados (2014-2016)



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da Pnad Contínua (IBGE, 2016a).

Nos quatro trimestres de 2014, as ocupações criativas tiveram crescimento superior ao aumento do quadro total de ocupados, aumentando sua participação relativa de 4,83% para 5,86%. Nesse quadro, as ocupações culturais também acompanharam o aumento, mas em menor proporção. Em 2015, a instabilidade visível no quadro total de ocupados contrasta com o aumento dos ocupados culturais, que têm sua participação relativa aumentada de 1,25% para 1,45%. Nesse período, as ocupações criativas apresentaram uma queda na participação relativa, situação que se altera em 2016, em que a participação relativa aumenta como resultado da queda do total de ocupados combinado com o pequeno aumento dos ocupados criativos. Os ocupados culturais praticamente retomam sua participação em 2016 devido à maior diminuição do total de ocupados.

A crise que impactou de forma expressiva o mercado de trabalho geral a partir de 2015, com a redução do número de ocupados, e que continuou em 2016 não foi sentida com a mesma intensidade nas ocupações culturais e criativas. As ocupações criativas continuaram crescendo em 2016 enquanto as culturais tiveram queda, mas

que não foi suficiente para reverter o grande crescimento que experimentou desde 2014. No entanto, no quesito dos rendimentos, a crise se fez sentir com mais força nas ocupações culturais e criativas. Em ambos os casos a queda dos rendimentos é quase contínua desde o último trimestre de 2014. No caso das ocupações culturais, houve uma pequena melhora no primeiro trimestre do ano em parte em função do aumento do salário mínimo e em parte por um efeito estatístico do forte fechamento de postos de trabalho com menor remuneração.

Portanto, também nos setores culturais e criativos a crise se fez sentir. As decisões orçamentárias tomadas em 2015 levaram em consideração a redução das arrecadações dos municípios, dos estados e da união. Assim, o orçamento do setor público para a cultura sofreu cortes. No setor privado não foi diferente, com a diminuição de sua demanda, ele reduziu as verbas alocadas para o *marketing* cultural. O setor cultural também foi afetado pela redução de investimentos decorrentes da crise que afeta a Petrobrás, as mineradoras e as construtoras, tradicionais investidoras da cultura. O aumento do desemprego e a queda dos rendimentos gerais também impactam na compra de bens e serviços culturais.

Na Tabela 2 pode-se verificar de forma mais geral a deterioração do mercado de trabalho brasileiro. Ao longo do período analisado percebe-se queda do rendimento médio e forte aumento do total de desocupados. O mesmo cenário se repete no ano de 2016, a taxa de desocupação aumenta de forma contínua e acelerada, enquanto os rendimentos continuam caindo. Após uma breve estabilização nos rendimentos médios verificados no primeiro trimestre, em parte em função da reposição anual do salário mínimo, os rendimentos seguiram a sua tendência de queda.

Tabela 2 – Evolução do Rendimento Médio do trabalho principal e do Total de Desocupados no Mercado Geral de Trabalho

| ANO | | RENDIMENTO MÉDIO* (R\$) | TOTAL DE DESOCUPADOS (%) |
|------|--------------|-------------------------|--------------------------|
| 2014 | 1º trimestre | 2.069,20 | 7,2 |
| | 2º trimestre | 2.018,44 | 6,8 |
| | 3º trimestre | 2.021,13 | 6,8 |
| | 4º trimestre | 2.047,44 | 6,6 |
| 2015 | 1º trimestre | 2.069,98 | 7,9 |
| | 2º trimestre | 2.050,73 | 8,3 |
| | 3º trimestre | 2.006,59 | 8,9 |
| | 4º trimestre | 2.002,33 | 9,0 |
| 2016 | 1º trimestre | 2.005,70 | 10,9 |
| | 2º trimestre | 1.972,85 | 11,3 |
| | 3º trimestre | 1.983,28 | 11,8 |

*Nota: *Valores deflacionados pelo IPCA para 1º de novembro de 2016.*

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da Pnad Contínua (IBGE, 2016a).

O mercado geral de trabalho continuou o seu movimento de deterioração ao longo do ano de 2016 e também no terceiro trimestre do ano. O aumento da desocupação e o aumento do tempo de procura por uma nova ocupação pressionam os salários para baixo e levam ao aumento da informalidade. A continuidade da crise econômica e política atingem fortemente o mercado de trabalho. A variação de 0,5% dos rendimentos no último trimestre representa mais uma relativa estabilidade do que um real crescimento.

Os setores de economia da cultura e da economia criativa têm certas particularidades que os diferenciam dos demais setores no que concerne, por exemplo, a questões de inserção produtiva dos indivíduos. Como característica positiva, eles se mostram mais receptivos aos trabalhadores que normalmente se inserem no mercado de trabalho de forma mais precária (jovens, negros e mulheres) e, como característica negativa, tem-se que eles oferecem menor proteção aos seus ocupantes. A Tabela 3 traz a participação por sexo nas ocupações culturais, criativas e totais no Brasil.

Tabela 3 –Evolução da participação de ocupados por gênero e por ocupação (%)

| ANO | | CULTURA | | CRIATIVA | | TOTAL OCUPADOS | |
|------|---------|-----------|----------|-----------|----------|----------------|----------|
| | | MASCULINO | FEMININO | MASCULINO | FEMININO | MASCULINO | FEMININO |
| 2014 | 1º trim | 56,8 | 43,2 | 53,1 | 46,9 | 57,3 | 42,7 |
| | 2º trim | 57,3 | 42,7 | 48,4 | 51,6 | 57,3 | 42,7 |
| | 3º trim | 57,7 | 42,3 | 47,0 | 53,0 | 57,4 | 42,6 |
| | 4º trim | 55,9 | 44,1 | 46,5 | 53,5 | 57,0 | 43,0 |
| 2015 | 1º trim | 53,0 | 47,0 | 45,6 | 54,4 | 57,3 | 42,7 |
| | 2º trim | 52,6 | 47,4 | 47,6 | 52,4 | 56,9 | 43,1 |
| | 3º trim | 52,1 | 47,9 | 48,4 | 51,6 | 56,9 | 43,1 |
| | 4º trim | 52,0 | 48,0 | 49,6 | 50,4 | 57,2 | 42,8 |
| 2016 | 1º trim | 53,8 | 46,2 | 49,4 | 50,6 | 57,4 | 42,6 |
| | 1º trim | 54,4 | 45,6 | 48,7 | 51,3 | 57,2 | 42,8 |
| | 2º trim | 53,9 | 46,1 | 49,2 | 50,8 | 57,6 | 42,4 |

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da Pnad Contínua (IBGE, 2016a).

Antes da crise se instalar de forma mais visível em 2015 o percentual de mulheres nas ocupações culturais e no total de ocupações tinham o mesmo patamar. No entanto, quando a crise se fez mais presente, cresceu a participação das mulheres nas ocupações culturais, enquanto no mercado de trabalho geral ela praticamente não se alterou. No ano de 2016 o percentual de mulheres no total dos ocupados continuou no mesmo patamar enquanto nas ocupações culturais sofreu uma pequena retração. Dentre as ocupações criativas, o percentual de mulheres tem sido superior ao dos homens desde o segundo trimestre de 2014 e em 2015 sofreu uma diminuição relativa e manteve uma relativa estabilidade em 2016.

Ao analisarmos a Tabela 4, que traz dados sobre a contribuição previdenciária, percebe-se uma relativa estabilidade ao longo do período analisado para as ocupa-

ções culturais, criativas e totais, o mesmo valendo para o ano de 2016. As pequenas melhorias nas ocupações criativas e totais quando comparado o ano de 2016 com o segundo semestre de 2015 são resultado da evolução do fechamento de postos de trabalho. Nesse período, fecharam mais postos de trabalhos de não contribuintes do que de contribuintes. Cabe destacar o baixo percentual de contribuintes para a previdência nos três tipos de ocupações analisadas, que no terceiro trimestre de 2016 ficaram em 67,4% para o total de ocupados, 58,6% para os ocupados criativos e 47,2% para os ocupados culturais.

Esses baixos percentuais de contribuição para a previdência, particularmente dos ocupados culturais, apontam para a precarização e insegurança que os trabalhadores enfrentam nessas atividades. Sem a contribuição previdenciária, os trabalhadores não têm direito a aposentadoria, licença saúde, maternidade, acidente de trabalho, entre outros benefícios. Atualmente, quando se discute a reforma da previdência, esses percentuais devem ser levados em consideração. A Proposta de Emenda Constitucional 287⁸ enviada ao Congresso em dezembro de 2016 não tem nenhum artigo que estimule o aumento do número de contribuintes, que diminuiria a insegurança dos trabalhadores e traria um reforço de caixa para a previdência no curto prazo e mais fôlego para as soluções dos problemas no longo prazo.

Tabela 4 - Evolução do número de ocupados com e sem contribuição previdenciária por ocupação

| ANO | | CULTURA | | CRIATIVA | | TOTAL OCUPADOS | |
|------|----------|-------------|-------------|-------------|-------------|----------------|-------------|
| | | C/ CONTRIB. | S/ CONTRIB. | C/ CONTRIB. | S/ CONTRIB. | C/ CONTRIB. | S/ CONTRIB. |
| 2014 | 1º trim. | 47,5 | 52,5 | 60,3 | 39,7 | 64,3 | 35,7 |
| | 2º trim. | 48,3 | 51,7 | 59,3 | 40,7 | 64,6 | 35,4 |
| | 3º trim. | 49,1 | 50,9 | 59,5 | 40,5 | 64,7 | 35,3 |
| | 4º trim. | 46,9 | 53,1 | 58,5 | 41,5 | 64,7 | 35,3 |
| 2015 | 1º trim. | 49,1 | 50,9 | 58,6 | 41,4 | 64,8 | 35,2 |
| | 2º trim. | 48,5 | 51,5 | 58,5 | 41,5 | 64,9 | 35,1 |
| | 3º trim. | 45,3 | 54,7 | 57,4 | 42,6 | 64,6 | 35,4 |
| | 4º trim. | 45,4 | 54,6 | 58,2 | 41,8 | 65,6 | 34,4 |
| 2016 | 1º trim. | 46,9 | 53,1 | 58,8 | 41,2 | 65,7 | 34,3 |
| | 2º trim. | 46,6 | 53,4 | 57,7 | 42,3 | 65,4 | 34,6 |
| | 3º trim. | 47,2 | 52,8 | 58,6 | 41,4 | 67,4 | 32,6 |

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da Pnad Contínua (IBGE, 2016a).

As consequências do processo de queda da atividade econômica brasileira sobre o mercado de trabalho já são perceptíveis, onde nota-se a queda gradual de empregos formais e o aumento das ocupações informais. O impacto no total de empregos é maior em alguns ramos econômicos, tais como a indústria de transformação e a construção civil. O período recessivo pelo qual passa a economia afeta também o setor de serviços e o comércio, responsáveis por boa parte da geração de empregos formais

8. A proposta de emenda à Constituição (PEC) 287 dispõe sobre a seguridade social, estabelece regras de transição e dá outras providências.

nos últimos anos. A diminuição relativa da taxa de emprego em várias regiões do país projeta uma perspectiva de aumento de ocupações precárias, não formalizadas ou ainda categorizadas como de subemprego. A Tabela 5, nesse sentido, mostra a participação relativa das ocupações formais e informais.

Tabela 5 – Participação de ocupações formais e informais*

| ANO | CULTURA | | | | CRIATIVA | | | | TOTAL OCUPADOS | | | | |
|------|---------|--------|----------|--------|----------|--------|----------|--------|----------------|--------|----------|--------|--------|
| | FORMAL | VAR. % | INFORMAL | VAR. % | FORMAL | VAR. % | INFORMAL | VAR. % | FORMAL | VAR. % | INFORMAL | VAR. % | |
| 2014 | 1º trim | 35,75% | | 64,25% | | 47,74% | | 52,26% | | 55,99% | | 44,01% | |
| | 2º trim | 33,32% | -6,80% | 66,68% | 3,78% | 44,64% | -6,49% | 55,36% | 5,93% | 56,14% | 0,27% | 43,86% | -0,34% |
| | 3º trim | 33,15% | -0,51% | 66,85% | 0,25% | 44,12% | -1,16% | 55,88% | 0,94% | 55,88% | -0,46% | 44,12% | 0,59% |
| | 4º trim | 31,73% | -4,28% | 68,27% | 2,12% | 43,06% | -2,40% | 56,94% | 1,90% | 55,63% | -0,45% | 44,37% | 0,57% |
| 2015 | 1º trim | 34,35% | 8,26% | 65,65% | -3,84% | 43,25% | 0,44% | 56,75% | -0,33% | 55,75% | 0,22% | 44,25% | -0,27% |
| | 2º trim | 32,28% | -6,03% | 67,72% | 3,15% | 41,73% | -3,51% | 58,27% | 2,68% | 55,33% | -0,75% | 44,67% | 0,95% |
| | 3º trim | 29,71% | -7,96% | 70,29% | 3,80% | 40,65% | -2,59% | 59,35% | 1,85% | 54,91% | -0,76% | 45,09% | 0,94% |
| | 4º trim | 27,00% | -9,12% | 73,00% | 3,86% | 40,07% | -1,43% | 59,93% | 0,98% | 54,76% | -0,27% | 45,24% | 0,33% |
| 2016 | 1º trim | 28,23% | 4,56% | 71,77% | -1,68% | 39,71% | -0,90% | 60,29% | 0,60% | 54,61% | -0,27% | 45,39% | 0,33% |
| | 2º trim | 27,34% | -3,15% | 72,66% | 1,24% | 38,54% | -2,95% | 61,46% | 1,94% | 54,24% | -0,68% | 45,76% | 0,82% |
| | 3º trim | 26,25% | -3,99% | 73,75% | 1,50% | 39,48% | 2,44% | 60,52% | -1,53% | 54,92% | 1,25% | 45,08% | -1,49% |

*Nota: *As ocupações formais são formadas por trabalhadores domésticos com carteira, militares, empregadores, empregados no setor privado com carteira e funcionários públicos estatutários. Já as informais são formadas pelos trabalhadores domésticos sem carteira, empregados no setor privado sem carteira, conta própria e trabalhadores não remunerados.*

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da Pnad Contínua (IBGE, 2016a).

Nota-se uma piora no cenário das ocupações formais a partir de primeiro trimestre de 2014. O percentual de trabalhadores informais aumenta para todas as ocupações consideradas à exceção das ocupações culturais nos primeiros trimestres de 2015 e 2016. É possível verificar também que as ocupações criativas apresentaram consecutivas quedas na participação dos postos formais de trabalhos no período analisado, tal como se vê no total de ocupados. Para o caso das ocupações culturais, chama a atenção o aumento dos postos informais de trabalho, como consequência do cenário econômico mais amplo.

Outro fator que afeta diretamente os trabalhadores é a dificuldade em ter níveis remunerativos maiores, que possam suprir a perda do poder de compra restringido pela inflação acumulada. Quando analisados os rendimentos, os três tipos de ocupação apresentaram tendência de queda ao longo do período analisado. A redução

do poder aquisitivo dos rendimentos ocorreu, em parte, em função da aceleração da inflação no período e, em parte, em função da perda do poder de barganha dos trabalhadores que sempre ocorre em tempos de aumento da taxa de desocupação. Verificou-se queda acentuada no poder de compra dos rendimentos das ocupações criativas (17,34%) e dos ocupados culturais (11,29%), enquanto no total de ocupados a redução foi um pouco menor (4,15%), de acordo com a Tabela 6.

*Tabela 6 – Rendimento mensal médio das ocupações principais (2014-2016)**

| ANO | TRIMESTRE | CULTURA | | CRIATIVA | | TOTAL OCUPADOS | |
|------|------------|-------------|--------|-------------|--------|----------------|--------|
| | | RENDIMENTOS | VAR. % | RENDIMENTOS | VAR. % | RENDIMENTOS | VAR. % |
| 2014 | 1º Trim. | 1.874,55 | - | 2.617,70 | - | 2.069,20 | - |
| | 2º Trim. | 1.861,14 | -0,72 | 2.408,04 | -8,01 | 2.018,44 | -2,45 |
| | 3º Trim. | 1.818,88 | -2,27 | 2.339,03 | -2,87 | 2.021,13 | 0,13 |
| | 4º Trim. | 1.757,15 | -3,39 | 2.379,29 | 1,72 | 2.047,44 | 1,3 |
| 2015 | 1º Trim. | 1.810,83 | 3,05 | 2.343,83 | -1,49 | 2.069,98 | 1,1 |
| | 2º Trim. | 1.705,31 | -5,83 | 2.327,50 | -0,7 | 2.050,73 | -0,93 |
| | 3º Trim. | 1.634,35 | -4,16 | 2.279,59 | -2,06 | 2.006,59 | -2,15 |
| | 4º Trim. | 1.613,35 | -1,28 | 2.233,48 | -2,02 | 2.002,33 | -0,21 |
| 2016 | 1º Trim. | 1.723,54 | 6,83 | 2.170,26 | -2,83 | 2.005,70 | 0,17 |
| | 2º Trim. | 1.686,59 | -2,14 | 2.149,26 | -0,97 | 1.972,85 | -1,64 |
| | 3º Trim. | 1.662,88 | -1,41 | 2.163,77 | 0,68 | 1.983,28 | 0,53 |
| | Var. Acum. | -211,67 | -11,29 | -453,93 | -17,34 | -85,92 | -4,15 |

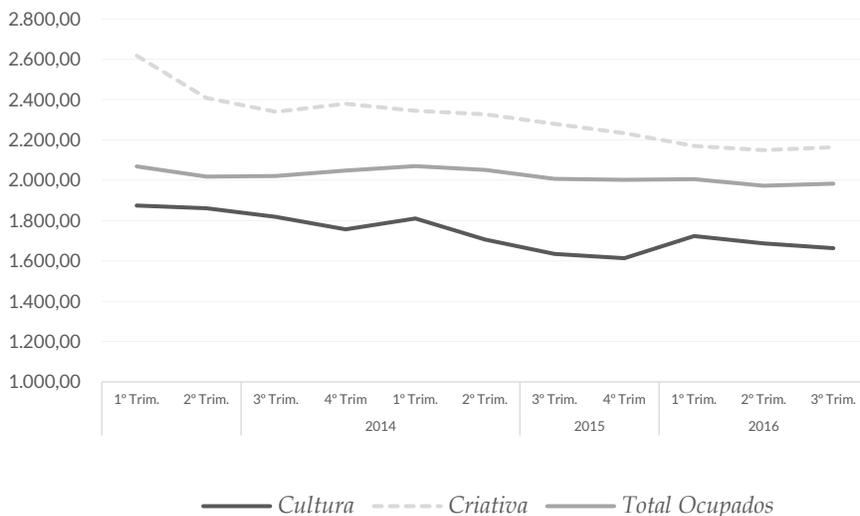
*Nota: *Valores deflacionados pelo IPCA para 1º de novembro de 2016.*

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da Pnad Contínua (IBGE, 2016a).

Cabe destacar o significativo crescimento no rendimento médio dos ocupados culturais ocorrido no primeiro trimestre de 2016 (6,83%). Parte desse crescimento é devido ao reajuste do salário mínimo que se verificou no mês de janeiro, no entanto, outra parte é consequência do maior fechamento de postos de trabalho com remuneração abaixo da média em comparação com o fechamento de postos de trabalho com remuneração acima da média. Nos dois trimestres subsequentes o rendimento médio retornou ao seu movimento de queda.

A Figura 7 mostra de forma comparativa as variações nos rendimentos médios reais da economia da cultura, da economia criativa e do total da economia. É importante frisar que a comparação possível é apenas a da variação. Os valores absolutos dos rendimentos não podem ser comparados. Isso porque de acordo com os dados da Pnad anual de 2014 (IBGE, 2016b), os ocupados com atividade principal sendo cultural trabalharam, em média, 31 horas, enquanto o total de ocupados apresentou uma média 40 horas trabalhadas na ocupação principal. Tal diferença mostra que para que fosse possível comparar os valores absolutos das médias dos rendimentos, seria necessário saber quantas horas foram trabalhadas nas ocupações principais pelos ocupados, dado que não está disponível na Pnad Contínua.

Figura 7 - Rendimento mensal médio das ocupações principais (2014-2016)*



Nota: *Valores deflacionados pelo IPCA para 1º de novembro de 2016.
 Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da Pnad Contínua (IBGE, 2016a).

Outra característica interessante de se analisar diante da ótica do mercado de trabalho é o nível de instrução dos ocupados envolvidos em atividades ligadas à economia da cultura, à economia criativa e ao mercado amplo de trabalho. A Tabela 7, a seguir, traz o nível de instrução dos ocupados na cultura, dos criativos e a média geral brasileira.

Tabela 7 - Nível de instrução (3º trimestre de cada ano) (Continua)

| ANO | NÍVEL DE INSTRUÇÃO | CULTURA | CRIATIVA | TOTAL DE OCUPADOS |
|------|---------------------------------------|---------|----------|-------------------|
| 2014 | Sem instrução | 3,24% | 1,95% | 4,97% |
| | Fundamental incompleto ou equivalente | 19,39% | 17,42% | 25,58% |
| | Fundamental completo ou equivalente | 9,15% | 9,69% | 10,82% |
| | Médio incompleto ou equivalente | 6,85% | 5,95% | 6,43% |
| | Médio completo ou equivalente | 33,54% | 33,41% | 31,20% |
| | Superior incompleto ou equivalente | 7,50% | 7,47% | 5,35% |
| | Superior completo | 20,33% | 24,11% | 15,64% |
| 2015 | Sem instrução | 3,36% | 2,01% | 4,62% |
| | Fundamental incompleto ou equivalente | 17,54% | 16,68% | 24,97% |
| | Fundamental completo ou equivalente | 9,79% | 9,26% | 10,45% |

*Tabela 7 – Nível de instrução (3º trimestre de cada ano)
(Conclusão)*

| ANO | NÍVEL DE INSTRUÇÃO | CULTURA | CRIATIVA | TOTAL DE OCUPADOS |
|------|---------------------------------------|---------|----------|-------------------|
| 2015 | Médio incompleto ou equivalente | 5,22% | 5,57% | 6,20% |
| | Médio completo ou equivalente | 32,31% | 31,50% | 31,09% |
| | Superior incompleto ou equivalente | 8,07% | 8,48% | 5,63% |
| | Superior completo | 23,70% | 26,51% | 17,05% |
| | Sem instrução | 3,79% | 3,21% | 6,52% |
| 2016 | Fundamental incompleto ou equivalente | 16,34% | 14,79% | 22,01% |
| | Fundamental completo ou equivalente | 7,80% | 8,42% | 9,54% |
| | Médio incompleto ou equivalente | 6,47% | 5,84% | 5,96% |
| | Médio completo ou equivalente | 33,46% | 32,70% | 32,60% |
| | Superior incompleto ou equivalente | 8,74% | 7,59% | 5,16% |
| | Superior completo | 23,39% | 27,46% | 18,21% |

Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da Pnad Contínua (IBGE, 2016a).

Nota-se que os ocupados criativos têm um nível de escolaridade superior, seguido pelos culturais, e por último o total de ocupados. Considera-se que no período analisado houve um aumento na participação de ocupados criativos com maior nível de instrução em nível superior ao total de ocupados no país. De todo modo, percebe-se que é realidade da maioria dos ocupados o nível de instrução ensino médio completo. Essas dimensões e diferenças relativas praticamente se mantêm do terceiro trimestre de 2014 para o terceiro trimestre de 2016. No entanto, nos três tipos de ocupações ocorreu aumento da participação dos ocupados sem instrução e, paradoxalmente, também ocorreu elevação do percentual de ocupados com maior escolaridade.

5. Considerações finais

Este capítulo se propôs a retratar a realidade econômica e social das ocupações culturais e criativas no Brasil, a partir da análise do comportamento do mercado de trabalho brasileiro atualmente. Foi possível perceber que o cenário macroeconômico mais amplo não é dos mais positivos para a economia, com queda no nível de investimentos, produção e aumento relativo dos preços.

As ocupações culturais e criativas apresentaram, ao longo de todo o período analisado, movimentos bem particulares quando comparados com o do total de ocupados. Na questão da ocupação, elas tiveram grande crescimento, respectivamente 15,42% e 16,08%, apesar da profunda crise da economia brasileira, enquanto o total de ocupações sofreu um recuo de 4,13%. Com referência aos seus rendimentos, eles paradoxalmente tiveram grande queda, em movimento contrário ao esperado em função do crescimento das ocupações, no entanto, condizentes com o cenário mais geral da economia e particularmente com o mercado geral de trabalho. Apesar dessa sintonia com a tendência de queda geral dos rendimentos chama atenção a enorme

queda verificada nos dois tipos de ocupações quando comparados com a queda do rendimento do total de ocupados. A queda do poder aquisitivo dos rendimentos dos ocupados culturais foi de 11,29%, dos criativos, 17,34%, enquanto do total de ocupados foi de 4,15%.

Na análise dos três primeiros trimestres de 2016, as ocupações criativas ficaram relativamente estáveis enquanto as culturais e o total das ocupações apresentaram redução. Os rendimentos dos criativos e do total de ocupados apresentaram uma queda que condiz com o cenário de crise econômica e deterioração do mercado de trabalho, no entanto, os rendimentos dos ocupados culturais apresentou crescimento no acumulado dos três trimestres. O crescimento acumulado se explica principalmente pela majoração ocorrida no primeiro trimestre, que ocorreu principalmente pelo maior fechamento dos postos de trabalho de menor remuneração.

A crise econômica que impactou de forma expressiva o mercado de trabalho geral a partir de 2015, com a redução do número de ocupados, e que continuou em 2016 não foi sentida com a mesma intensidade nas ocupações culturais e criativas. Esse fato revela que os distintos ramos econômicos são afetados de forma variada diante do processo de recessão econômica. Os setores culturais e criativos possuem características que permitem o incremento produtivo mesmo diante de uma piora conjuntural, tal como se viu neste trabalho.

6. Referências

FEDERAÇÃO DAS INDÚSTRIAS DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO (FIRJAN). **Mapeamento da Indústria Criativa**. Dezembro de 2014. Rio de Janeiro: Firjan, 2014. Disponível em: <<http://www.abradi.com.br/wp-content/uploads/2015/05/Mapeamento-2014.pdf>>. Acesso em: 15 out. 2016.

DEPARTMENT FOR CULTURE MEDIA AND SPORT (DCMS). **Creative Industries Economic Estimates**. Janeiro de 2016. Londres: DCMS, 2016. Disponível em: <<https://www.gov.uk/government/statistics/creative-industries-economic-estimates-january-2016>>. Acesso em: 10 jan. 2017.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Pesquisa Nacional de Amostra Domiciliar Contínua**. Rio de Janeiro: IBGE, 2016a. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/indicadores/trabalhoerendimento/pnad_continua/>. Acesso em: 10 dez. 2016.

_____. **Pesquisa Nacional de Amostra Domiciliar**. Rio de Janeiro: IBGE, 2016b. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/pesquisas/pesquisa_resultados.php?id_pesquisa=40>. Acesso em: 24 out. 2016.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA). **Mercado de Trabalho: Conjuntura e Análise**. Ano 22, Out. Brasília: Ipea, 2016. Disponível em: <http://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/mercadodetrabalho/161117_bmt_61.pdf>. Acesso em: 10 jan. 2017.

IPEADATA. **Base de dados do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada**. Brasília: Ipea, 2017. Disponível em: <www.ipeadata.com.br>. Acesso em: 15 jan. 2017.

MARKUSEN, A. et al. Defining the Creative Economy: Industry and Occupational Approaches. **Economic Development Quarterly**, v. 22, n. 1, p. 24-25, fev, 2008. Disponível em: <<http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0891242407311862>>. Acesso em: 12 nov. 2016.

MIGUEZ, P. **A economia da cultura como campo de estudos e a novidade da economia criativa**. Plano da Secretaria da Economia Criativa: políticas, diretrizes e ações, 2011-2014. Brasília: Ministério da Cultura, 2011. Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br/documents/10913/636523/PLANO+DA+SECRETARIA+DA+ECONOMIA+-+CRIATIVA/81dd57b6-e43b-43ec-93cf-2a29be1dd071>>. Acesso em: 10 abr. 2016.

NEGRI, A.; COCCO, G. O monstro e o poeta. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 3 de mar. 2006. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz0303200609.htm>>. Acesso em: 10 dez. 2016.

UNCTAD. **Creative Economic Report 2010**. Creative Economy: A Feasible Development Option. Geneva: United Nations Conference on Trade and Development, 2010.